

## EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje quinta-feira ao meio dia; aos Srs que, o mais tardar, quatro horas depois, a não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

## CONHECIMENTOS UTEIS.

## A MATERIA PRÉGANDO O ESPIRITO.

2863 NENHUMA noticia poderia ter maior direito para figurar na primeira parte d'este jornal, do que o annuncio, que em jornaes francezes encontramos com grandes elogios, de uma obra, já segunda vez impressa em Paris com este titulo: — *La Religion constatée universellement, à l'aide des sciences et de l'érudition modernes; traité général des preuves de la religion mis au niveau de l'état actuel des connaissances humaines.* — Dois volumes em oitavo: preço 2000 rs.

« O auctor — diz um periodico dos mais sabios — tractou d'este assumpto, que estava requerendo um grande theologo e um grande naturalista, com tão cabal conhecimento de uma e outra coisa e por tal modo, que não pôde deixar de ser lido com muito interesse n'um seculo tão illustrado como este é. — Mostrou com uma logica inteiramente convincente que se os tolos são inimigos da Sciencia Divina, as sciencias humanas o não são; e que a natureza assim como a revelação, levam para o pé de Deus a qualquer espirito que discorre. Maravilhados ficarão muitos leitores de ver quantas approximações, em que de ordinario se não adverte, estão unindo a sciencia e a fé. Alguns homens de genio já no fim do seculo passado haviam prognosticado, que assim havia a final de acontecer. A sua prophecia está hoje realisada, e por um modo bem grandioso. »

## NOVOS USOS DA CORTIÇA.

2864 EM INGLATERRA se tem feito as seguintes experiencias da cortiça em pó, applicada a diversos fins.

Um colchão, cheio de pó de cortiça, e que só pesa vinte cinco arrateis, deitado á agua, não se afunda com o peso de septe homens.

Colchões, travesseiros, almofadas de canapés e cadeiras, recheados d'este pó, tem tanta elasticidade e brandura, como se foram da melhor e mais escolhida crina, e sobrelévam á crina em que se não acamam nem endurecem com o peso.

Ainda esperamos que os inglezes, que nos vem buscar a cortiça para nel-a restituirem em rolhas, nos levem muito maior porção d'ella para nel-a trazerem em camas e assentos.

## SOBRADOS ELASTICOS.

2865 DE DIA a dia se vão estendendo a novos objectos as applicações da gomma elástica. Agora até já serve nos pavimentos das casas ou logares, onde convem que não haja estrondo, por exemplo, egrejas, hospitaes, bibliothecas, secretarias, prisões, etc.

Para isto misturam-se com a gomma elástica outras substancias, que facilmente se variam, com o que se faz uma côdea ao taboado impermeavel e inteiramente surda debaixo do piso. Em Inglaterra já

ABRIL — 25 — 1844.

varios edificios usam d'isto e nomeadamente a cadêa de Newgate.

Ha quem diga que seria uma boa idéa para as cavalharices, por forrar a despeza de fazer com feno a cama aos animaes.

## PERGUNTA SOBRE A RÉGA ÀS OLIVEIRAS DE ESTACA.

(Carta.)

2866 TENDO visto no seu interessante jornal a maneira porque se pôdem propagar os olivae, indicada pelo Sr. José Nicoláo da Silva Franco, procedi logo á plantação de duzentas estacas em viveiro, que pôde regar-se; como porém o mesmo Sr. posto fizesse bem claro o methodo que empregou em 1826 para obter oliveiras, não declare se as fez regar, e que eu julgo essencial, é forçoso dar a V. o incommodo de me fazerem ellucidar a similhante respeito, por que não desejo ver frustrado o esmero, que dediquei a tão util tentativa.

Faro 15 de abril de 1844.

De V. etc.

Antonio Ramalho Macedo Ortigão.

## CURA DA SOLITARIA.

(Carta.)

2867 Roco a V. por bem da humanidade, haja de dar logar no seu jornal ás seguintes linhas.

Soffrendo ha perto de 15 annos os terriveis effeitos da solitaria, corri da minha aldêa a Lisboa, á noticia da chegada do Sr. Luiz Joaquim de Oliveira, e hontem 20 de abril, vindo applicar-me o seu remedio a casa de meu amigo o Sr. José Maria da Fonseca, a Sancta Catharina, rua do Caldeira n.º 1, com quatro dôses, dentro em tres horas e meia expulsei, sem custo algum, uma enorme ténia de mais de oito varas de comprido, que foi vista além da familia do meu amigo, pelas respeitaveis pessoas dos Srs. José Xavier Mousinho da Silveira, Antonio de Sousa Pinto de Magalhães, e José Joaquim dos Reis e Vasconcellos.

Em honra do Sr. Luiz Joaquim de Oliveira não posso deixar de dizer que este Sr., no seu tracto, é pessoa sobremancira franca, affavel, e exemplarmente desinteressada; receba elle n'esta minha manifestação um sincero e eterno reconhecimento pelo beneficio que me fez.

Aproveite da efficacia do remedio quem tiver a desgraça de soffrer tamanho mal, sendo o meu desejo divulgar este factó em proveito da minha patria, e dos paizes estrangeiros.

Lisboa 20 de abril de 1844.

Claudio Fillipe da Silva.

## VARIEDADES.

## COMMEMORAÇÕES.

## 1 DE MAIO.

2868 « MAYAS — dizia Bluteau fallando do seu tempo — ainda hoje se usam em Portugal nos domingos e dias sanctos do mez de maio; pondo-se em algumas ruas umas mezas, cobertas com alcatifas ou ou-

tros pannos, e se assenta em cada uma d'ellas uma menina ou moça, bem vestida, e adornada com flores, que pede dinheiro ás pessoas que passam.»

Este uso devia de ter sido conservado das gentildades romanas, pois sabemos o que na antiga Roma se praticava, sob o titulo de *Mayuma*, que eram as festas que lá e em toda a Italia se celebravam em honra de maio, nas quaes, andando todos floridos e a coroarem com grande alegria as portas dos parentes e amigos, se levava em um carro uma gentil moça, cortejada de muitas outras que a saudavam por sua rainha, e para ella iam cobrando tributo dos passageiros.

Bem era aquillo: que em verdade é maio por formosura, alegria, e amavel condição a feminidade do anno. Acabadas, por excessivos escrupulos de autoridades, as mayas em Portugal, que não consta haverem nunca dado em lascivas como as da Roma velha, vieram os maios pequeninos, que ainda nós alcançamos bem festejados, mas que também já hoje, pôde-se dizer, estão perdidos, pelo menos cá nas cidades grandes, onde fóra do theatro e das discussões politicas, se não admite coisa que não seja perfeitamente raciocinada.

L. J. de Moira.

#### SOBRE O TEMPLO ROMANO DE EVORA.

2869 Não podemos resistir ao desejo de publicar o seguinte extracto de uma carta, com que o Exm.<sup>o</sup> Prelado de Beja nos honrou em 23 de novembro preterito, em que se toca um curiosissimo ponto para investigações de antiquarios. Retardámos até hoje esta comunicação, por querermos acompanhá-la de reflexões nossas para as quaes, todavia pelo especial estudo que requeriam, nos falleceu o tempo.

« V. me permittirá dizer o que me occorreu lendo na *Revista Universal* a pag. 152 lin. 30 — . . . a res-tauração do templo de Diana em Evora. . . — Este edificio romano é o melhor conservado dos Alpes para o Occidente; apesar de adulterado pelos Arabes e mal estimado por nós. É sem contradicta romano. Os romanos eram religiosos até na edificação dos templos dos seus deuses destinando a architectura corinthia para os deuses, e a jonica para as deusas. O templo d'Evora (elle falla) é de architectura corinthia perfeitissima; os capiteis de mão mestra; columnas regularissimas: as bases dóricas; o plinto em proporção á elegancia do todo em qualquer ponto de vista proximo ou remoto, tudo na maior exactidão corinthia. *Murphey*, que bem desenhou os gothicos do Convento da Batalha, muito mal copiou este templo na sua viagem (que imprimiu) de Portugal. Sendo, pois, este templo de architectura corinthia, não pôde julgar-se dedicado a Diana.»

« Resolvo-me enviar a V. estas reflexões, que não são minhas, são de sabios antiquarios estrangeiros, que me honraram com a sua amisade, e direi os seus nomes bem conhecidos em Portugal, sendo necessario; porque, indo ávante o bello pensamento do nosso augusto rei, e executando-se pelo Exm.<sup>o</sup> Ministro do Reino não succeda impropere-nos acrimoniosamente algum estrangeiro, do que não eram capazes os civilizados sabios que em Evora tive o gosto de tractar: fique tudo isto á discrição de V., communicando-se ao Illm.<sup>o</sup> Ministro do Reino, se V. julgar conveniente, para evitar que

« algum diploma se lavre com este erro popular (se o é) corrente em Evora.»

#### DA ORAÇÃO DO CHRISTÃO.

PELA ULTIMA VEZ.

2870 ENVERGONHADA e encolhidissimamente pedimos vénia a nossos leitores — por ainda uma vez, mas que será a derradeira, lhes apresentarmos um largo artigo, sobre uma questão já, ha muito, sentenciada a final, em todos os juizos.

Este artigo é do Exm.<sup>o</sup> Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira. Indignos seriamos da vénia que supplicamos, se o commentassemos: nas partes em que elle mesmo per si se não commenta, commentado está já, pelos artigos d'este jornal 2664, 2679, 2759, 2793, 2823.

Constantes no nosso systema de franquissima boa fè, terminaremos esta questão como a começámos, e reimprimiremos pela TERCEIRA VEZ o primitivo artigo de S. Ex.<sup>a</sup>; e, agora, na maior lettra que nas caixas d'esta officina se poder encontrar.

¿Que mais quer de nós S. Ex.<sup>a</sup>? — O seu artigo foi o primeiro a que demos cabida n'esta folha; e n'esse dia, nem uma palavra nossa lhe accrescentámos: o seu artigo tornou n'ella a apparecer em resumo escrupulosissimo, quando o houvemos de combater, e, em extractos litteraes, todas as vezes que nos foi mister referir-nos a cada uma de suas partes. O mesmo seu artigo, outra vez inteiro e completo, foi por nós reestampado depois da penultima carta de S. Ex.<sup>a</sup>

O mesmo seu artigo enfim vae seguir-se a esta carta ultima, e ser o ultimo, que, sobre a materia, appareça em campo.

¿Pouca deslealdade mostra, mas pouco medo também, quem assim procede!

S. Ex.<sup>a</sup> appella para a decisão dos Prelados. — Ignoramos o que os Prelados julgarão prudente fazer n'este caso — aliás grave: — o que porém sabemos é que — se elles houverem de approvar ou condemnar, deve ser o primeiro artigo tal como por S. Ex.<sup>a</sup> foi impresso e offerecido ao intendimento publico; e não os novos commentarios, que nem o acompanharam nem o acompanham; e nos quaes (seja-nos lieito dizel-o) muito receamos que o povo intenda tão pouco como nós mesmos, e se deixe adormecer com a cabeça esvaída de tantas distincções imperceptiveis, tantas definições, ociosas pelo menos, tantas subtilidades, tantas induções remotas, apresentadas como filiações logicas immediatas; enfim, tanto de sciencia abstrusa; mas tão pouco de rasões claras e chãs, como convem em jornaes; como são necessarias para o povo, para as mulheres, para os ignorantes, para todos nós; e como são sobre-tudo indispensaveis n'esta melindrosa materia, onde o erro, e muito mais quando os que estão de dentro o chamam, entra como serpente pela mais pequena aberta, e, uma vez apossado da alma, tarde, e só muito a custo, a desampara; se jamais de todo a desampara. ¿Que importa que a idéa, que S. Ex.<sup>a</sup> professa dentro em si seja orthodoxa, como accreditamos, se a que o seu artigo imprime em nossos animos o não é? É o artigo, que nós censuramos e não a S. Ex.<sup>a</sup>, assás e de sobejo o temos repetido. Por esta declaração expressa encetámos a disputa, por ella a concluimos pedindo a S. Ex.<sup>a</sup>, não que se retractasse, porém que se explicasse. — Mas para

que é pôr aos venerandos Prelados d'este reino em tão desagradavel apêrto, quando S. Ex.<sup>a</sup> com meia hora de trabalho pôde terminar tudo: escrevendo para o mesmo jornal, para onde escreveu o seu primeiro artigo, outro, tal como instante e instantissimamente lhe supplicamos, confessando explicitamente, sem rodeios nem enigmas dialecticos, sem formulas que nem ás vezes os iniciados comprehendem, a virtude impetrativa da oração. — Escreva S. Ex.<sup>a</sup> uma vez o que nenhuma ainda escreveu — que as orações do pae podem grangear saude para o filho; as do pobre, allivio temporal para a sua miseria; as do orpham, do viuvo, e do irmão, descanso e felicidade para as almas tão suas, que o deixaram sé na terra. — Diga-o S. Ex.<sup>a</sup> no mesmo jornal, onde intendemos que o negava, e os Prelados não terão mais do que felicitar-se por se ter arrancado do pasto a herva venenosa, que um homem de bem n'elle semeára, por descuido.

São estas as nossas ultimas palavras a tal respeito.

No artigo nosso, que ainda n'este numero ha-de ir depois do de S. Ex.<sup>a</sup>, tocaremos n'outra questão, tambem por S. Ex.<sup>a</sup> suscitada n'esta carta de hoje, tambem importante, mas não já sobre assumpto religioso. — É uma recommendação para que alguns a soffram de melhor vontade.

(Carta.)

III.<sup>mo</sup> Sr. — Vou acabar de responder áquellas notas por V. S.<sup>a</sup> postas ao meu artigo do n.<sup>o</sup> 32 da Revista, que carecem de explicação.

Diz V. S.<sup>a</sup> (pag. 384) que sim approvou a minha these (*de que Deus se não pôde ufanar com as nossas orações*) no trecho que eu citei do artigo de V. S.<sup>a</sup>; mas que se eu não parasse alli com a minha transcripção, veria o em que veio a tornar-se aquella approvaçáo.

Isto quer dizer, que V. S.<sup>a</sup>, no resto do artigo, modifica ou retracta aquella sua approvaçáo. Ora isto é o que, nem V. S.<sup>a</sup> fez, nem podia fazer: porque V. S.<sup>a</sup> não é capaz de dizer o absurdo de *que Deus se ufanar com os nossos louvores*: de nenhum modo, e em nenhum sentido. Logo o que se segue no artigo não pôde retractar, nem modificar a explicita e illimitada approvaçáo que V. S.<sup>a</sup> deu áquella minha these.

Diz mais V. S. (pag. 334 n. 6 e 385 n. 8) que as proposições que eu alli confronto com as transcriptas do artigo de V. S.<sup>a</sup>, não são as mesmas que V. S.<sup>a</sup> combatêra; pois eu lhes ajunctei, a cada uma d'ellas uma phrase, que antes a não acompanhava.

V. S.<sup>a</sup> tinha dicto *que aquellas minhas theses, em separado, eram verdadeiras; mas que ao logar em que estavam postas, continham erro.*

Isto queria dizer que unidas ao resto do artigo, de verdadeiras que eram, se tornavam erroneas (1). Devia eu pois

(1) Eu fiz observar a V. S.<sup>a</sup> que esta sua asserção era um erro em logica; porque a verdade ou falsidade das proposições depende unicamente do seu contexto: de modo que, em quanto este se não alterar, a proposição verdadeira, seja qual fór a parte do discurso onde se collocar, não pôde ser falsa; nem a falsa verdadeira.

Diz agora V. S.<sup>a</sup> [not. 7.] *que esta minha doutrina é que é uma heresia em logica e para o provar discorre assim: « Não ha Deus: Eis-aqui uma impiedade. O insipiente disse no seu coração não ha Deus: Eis-aqui uma confissão religiosa: a phrase não ha Deus; ficou em si, a mesma; mas, pela collocação converteu-se de blasphemia em culto. »*

Pois V. S.<sup>a</sup> não vê que a confissão religiosa, o culto consiste em se affirmar que *é preciso ser insipiente para dizer tal blasphemia?* E, portanto não vê V. S. e que é na primeira phrase — Disse o insipiente — que está aquella confissão, aquelle culto e não na segunda — *Não ha Deus* — que, posta pelo narrador na bocca do insipiente, conserva toda a sua insanavel impiedade? Era difficil achar um exemplo que melhor provasse a doutrina, que V. S. chama heresia em logica.

mostrar, que unidas ao resto do artigo aquellas theses são tão verdadeiras, como em separado.

Resumí pois o artigo em simples phrase; accrescentei esta ás theses que V. S.<sup>a</sup> reputava verdadeiras em separado, e mostrei que assim constituidas ficavam verdadeiras, no conceito de V. S.<sup>a</sup>, porque continham a mesma doutrina que outras duas phrases trasladadas do artigo de V. S.<sup>a</sup>

Assim tendo V. S.<sup>a</sup> combatido as minhas theses, não já tomadas em separado (pois assim V. S.<sup>a</sup> as approvava) mas unidas ao resto do artigo, é-lhe licito dizer, que as phrases a ellas accrescentadas não representam o resto do artigo, mas não pôde dizer que não são as mesmas que V. S.<sup>a</sup> combatêu.

Serem ellas o equivalente do resto do artigo é facil de mostrar; porque o resto do artigo reduz-se a dizer: que os actos praticados pelo christão, quando ora, são; os de *humildade, arrependimento, gratidão, e resignação*: E eis-aqui o que eu accrescentei á primeira these.

¿ Mas para que nos manda Jesu-Christo praticar estes actos? Para nos fazermos dignos da mercê que pedimos. Eis-aqui o que eu accrescentei á segunda these. Logo não alterei as theses por V. S.<sup>a</sup> combatidas, antes mostrei que no logar, onde estavam postas, isto é, unidas ao resto do artigo, de que eram resumo as phrases que lhes ajunctei, eram tão verdadeiras como em separado.

Mas V. S.<sup>a</sup> nega que assim completadas aquellas theses continham a mesma doutrina, que as duas proposições transcriptas do seu artigo. ¿ Mas como pôde V. S.<sup>a</sup> tal dizer? ¿ Pois os meus actos de humildade, gratidão etc. não são o que V. S.<sup>a</sup> chama *folha corrida e habilitação para o alvará da graça?*

¿ Quando eu digo que nós precisamos de fazer-nos dignos dos effeitos da Divina Misericordia, não é o mesmo que o dizer V. S.<sup>a</sup> que *nós precisamos de collocar-nos nas circumstancias moraes, para onde convergem os raios do divino sol, a que se chama misericordia?*

Vindo agora ás outras duas theses do meu artigo que eu disse terem sido impugnadas por V. S.<sup>a</sup>, postoque conformes á boa doutrina, por equivocação, reconhece V. S.<sup>a</sup> ser assim, pois comprehende e não contesta a minha explicação e nota unicamente (pag. 385 n. 11) que eu me esqueci do que os theologos chamam *gloria accidental de Deus*.

Se os theologos tivessem explicado com claresa o que se entende pela phrase escholastica da *gloria accidental*, V. S.<sup>a</sup> teria visto que, beu longe de ella me ter esquecido, figura em quasi todos os paragraphos do meu artigo. Sou pois obrigado a supprir aqui a falta de definições d'aquelles theologos.

A *gloria essencial de Deus* consiste na infinita grandesa, magestade e perfeição dos divinos attributos.

A *gloria accidental de Deus* consiste no resultado da adoração de todos os entes dotados de intelligencia do céu e da terra.

¿ Mas qual é este resultado? A resposta é facil em reflectindo no que se entende por *adoração*; e essa defini eu mesmo nos quatro ultimos paragraphos do meu primeiro artigo: e é o tornarmos-nos melhores, mediante a repetição dos actos de piedade alli enumerados.

Quanto á outra these, de que eu disse, que V. S.<sup>a</sup> a não teria combatido, se tivesse reflectido que eu distinguí expressamente no meu artigo o fim que os homens tem em vista, quando oram, do fim porque Jesu-Christo nos ordena que oremos; concorda V. S.<sup>a</sup> comigo; mas diz que *ninguém é capaz de ver nos trechos por mim citados o que eu affirmo ter posto n'elles* (pag. 385 no. 12.).

Esta asseveração é demasiado forte. Para mostrar que eu fizera expressa menção do fim que os homens se propoem orando, e que consiste em pedir alguma coisa que desejam, citei as seguintes palavras (do § Tres são etc.) do meu artigo: *O homem necessitado de soccorro dirige as suas supplicas áquelles por quem espera ou deseja ser soccorrido.* ¿ Como diz pois V. S.<sup>a</sup> que ninguém é capaz de ver n'este trecho o que eu affirmo ter posto n'elles? ¿ Não prova elle, ao contrario, que V. S.<sup>a</sup> me calumniára (supponho que involuntariamente, e só por falta de reflexão) quando affirmou, que eu negava a virtude impetrativa da oração?

Passamos ao segundo trecho. Para mostrar que eu distinguí daquelle primeiro fim, o que Jesu-Christo teve ordenando-nos que oremos, digo (pag. 385 § Quanto ao segundo etc.)

Que Jesu-Christo teve em vista ensinar-nos o que devemos fazer para ser attendidas, e cito o § Se pois etc?

¿ E que é o que se diz n'este paragrapho e seguintes que nós devemos fazer? ¿ Não é humilhar-nos, arrependemo-nos etc.? ¿ E não é isto o que devemos fazer para merecermos ser attendidos? ¿ Não é isto o que Jesu-Christo nos ordena que façamos para não cair em tentação? E se tudo isto é expresso n'aquelles §§ citados, ¿ como diz V. S.<sup>a</sup> que ninguém é capaz de o ver n'esses mesmos §§ que eu cito?

Tenho respondido ás notas de V. S.<sup>a</sup>, que não sendo de meras personalidades, mereciam ser esclarecidas. Passo a satisfazer a requisição que V. S.<sup>a</sup> me dirige para que eu declare, se ainda intendo que orar é adorar: sim ou não.

Nenhuma razão ouvi ainda para duvidar; e portanto, repito sem hesitação, que sim. E vou mostrar que se V. S.<sup>a</sup> dahi infere que sim, será negar formalmente a virtude impetrativa da oração e sustentar uma heresia (pag. 388) é porque não quiz tomar o pequeno trabalho de se perguntar a si mesmo: o que é orar? O que é adorar? São verdadeiras ou falsas as definições d'estas duas palavras nos §§ ultimos do artigo impugnado? Se V. S.<sup>a</sup> as achasse verdadeiras concluiria que aquella doutrina era catholica: e se lhe parecessem falsas, devia limitar-se a mostrar essa falsidade. Mas V. S.<sup>a</sup> deixou-se levar pelo methodo ordinario de discutir, sem primeiro se definirem os termos sobre que versa a questão; e por isso, quanto esta mais avança, menos se comprehendem os combatentes. Acabemos pois, por onde eu comecei, e V. S.<sup>a</sup> julgou desnecessario tomar em consideração. Que significam as palavras adorar, glorificar, orar? São ou não synonymas? Diz V. S.<sup>a</sup> muito bem, do sim ou não depende toda a questão. Mas no que V. S.<sup>a</sup> se engana, é em afirmar que o sim envolve a formal negação da virtude impetrativa da oração; o que na verdade seria uma heresia.

São synonymas duas expressões, quando n'alguns casos se pôde empregar, indifferentemente, uma ou a outra sem inconveniente.

Das expressões synonymas acontece umas vezes denotar uma, genero; e a outra, especie d'esse genero; outras vezes ambas ellas denotam duas especies d'um mesmo genero.

A palavra *adoração* denota um genero, de que as palavras *glorificação* e *oração* denotam duas especies.

Actos de veneração, de humildade, de dependencia, de gratidão, de arrependimento, e de resignação, são os topicos designados pela palavra *adoração*.

Quando se pretende indicar que d'aquelles sentimentos o que mas prevalece no animo do fiel, em tal momento, é o de *veneração*: usa-se da palavra *glorificação*.

Porém quando a idéa predominante é a da *dependencia*: e o fiel, formando votos para alcançar os objectos, que deseja, se penetra da convicção, que só da Divina Bondade os pôde obter, e concebe a consoladora *esperança* de que os obterá: exprime esta especie de *adoração* pela palavra *oração*.

Note porém V. S.<sup>a</sup> que acontece com estas tres expressões, o que difficilmente se encontrará nos outros casos, e é que, não só são *synonymas*, mas *equivalentes*. Chamam-se assim aquellas que representam o mesmo complexo de idéas, não só algumas vezes (isso verifica-se nos synonymos) mas sempre.

Com effeito é impossivel que um homem se entregue por algum tempo á pratica dos actos que constituem a *adoração*, sem que se sinta arrebatado pela admiração e veneração da infinita grandeza e magestade dos ineffaveis attributos de Divindade: e n'esse momento o seu estado não é de simples *adoração*; mas de *glorificação*.

E' impossivel que adorando, e glorificando ao seu Deus, elle não se sinta precipitar no abysmo do seu nada; não se penetre da idéa da sua dependencia; não se recorde do sem numero de faltas, com que, no decurso da sua vida, tem provocado os rigores da Divina Justiça; não conceba, a par do mais sincero arrependimento um justo receio, de que, apesar da sinceridade dos seus propositos, já tantas outras vezes formados e desmentidos, a sua insanavel fragilidade o faça recair em novas faltas.

A forçosa consequencia d'esta inevitavel lembrança é recorrer á infinita misericordia do nosso commum Redemptor, dirigir-lhe os votos mais ardentes pela assistencia de sua graça, sem a qual a fé nos ensina que é impossivel ao homem resistir

á tentação. E eis-aqui o como todo o acto de *adoração*, ao mesmo tempo que traz necessariamente consigo o de *glorificação*, se não pôde conceber, sem que simultaneamente se nos apresente como um acto de religiosa e devota *oração*.

Julgo ter provado que: *adoração*, *glorificação* e *oração* não são expressões *synonymas*: mas são ainda mais do que *synonymas*, porque são *equivalentes* (2). Tal é, o uso affirmativo, a doutrina que crê e ensina a nossa Sancta Madre Igreja Catholica Romana. E se assim não é, os Prelados, a quem o deposito da fé se acha confiado, anathematisarão o meu erro: e á sua voz, apoiada pela da Eterna Verdade constante das Sagradas Escripturas, uniformemente interpretadas pela tradição dos Sanctos Padres, dos Concilios, e mais Doctores da Igreja, reconhecerei e abjurarei, com rendida submissão o erro do meu entendimento; porque, se o ha, nem está, nem jamais esteve, na minha vontade.

P. S. Ao momento de expedir esta carta recebi o n.º 34 da *Revista* onde, a paginas 411, n'uma nota á minha precedente, observei que V. S. diz ser, além de ignobil, mal cabida a expressão de *diffamação* applicada ao que V. S. escreveu sobre o meu artigo impresso no jornal — o *Christianismo*.

V. S.<sup>a</sup> engana-se: não é o termo, é o acto de diffamar que é ignobil. O termo é usado em direito: do acto só me vejo obrigado a observar a V. S.<sup>a</sup> que, segundo a moral e as leis, não precisa de ser tão atroz, como V. S.<sup>a</sup> pertence, para merecer o nome de *diffamação*; em qualquer gráu que o accusador tende a denegrir a reputação calumniosamente é *diffamador*: quanto mais no presente caso em que V. S.<sup>a</sup> não hesitou em attribuir-me tão abominaveis erros, aggravando a accusação com exaggerados elogios, que lhe approve dar á minha intelligencia; tirando-me assim aos olhos do Publico, até a fraca escusa de não ter sabido o que escrevia.

Accrescenta V. S.<sup>a</sup> que tendo discutido o meu artigo com razões claras e chãs eu lhe respondi com subtilzas e distincções chimericas e, emfim com *improperio*.

V. S.<sup>a</sup> confunde as duas partes da sua memoria, que eu muito honestamente distingui. Ao pouco que V. S.<sup>a</sup> quiz dizer sobre cinco passagens trasladadas do meu artigo, respondi com razões que a V. S.<sup>a</sup> é licito traetar de *subtilezas e distincções chimericas* (ao Publico compete a decisão). Mas não tendo eu articulado a menor queixa a respeito d'aquella parte da memoria; não ha ali nada que V. S.<sup>a</sup> possa qualificar de *improperio*.

Quanto á maior e maxima parte dos artigos e notas de V. S.<sup>a</sup> unicamente consagradas a combater monstruosos absurdos, que nem já pessoa alguma se occupa em refutar, nem d'elles ha o menor vestigio no meu artigo, é claro que eu lhe não oppuz essas que V. S.<sup>a</sup> chama *subtilezas e distincções chimericas*: e quanto a *improperios*, ainda menos; pois que eu não fiz mais do que protestar, com a indignação propria de todo o homem de bem, que uma tal accusação, sem se citar passagem alguma do artigo accusado, era, em termos de direito, um *libello famoso*, uma *diffamação*: porque a moral e as leis qualificam assim, não só como V. S.<sup>a</sup> pertence os ataques atrozés á reputação de alguém, mas tudo o que, em qualquer gráu, tende a menoscabar a sua reputação. E V. S.<sup>a</sup> ha de confessar que, provadas as accusações que V. S.<sup>a</sup> dirigiu contra o meu artigo, não ficava muito airoso o meu character: pois que V. S.<sup>a</sup> quer estabelecer esta distincção que só na sua opinião não é chimerica.

¿ Para que vem V. S.<sup>a</sup> a cada passo com a odiosa allegação de que eu me offendo de ver contrariadas as minhas opiniões?

(2) Pesa-nos, que um illustre escriptor francez formulasse em termos desabridos o pensamento, que nos sugere toda esta prelecção sobre synonymos e equivalentes. Não podemos com tudo deixar de cita-lo aqui, declarando, entretanto do modo mais solemne e positivo, que nem por sombras, julgamos applicaveis a S. Ex.<sup>a</sup> os termos injuriosos, os quaes só copiamos para que o periodo não fique grammaticalmente mauco. O auctor é nada menos que Talleirand, o seu texto resa assim: «Le pédantisme vaniteux saupoudre les sciences de tant de mots synonymiques, que l'esprit est offusqué par cette épaisse poussière scholastique.»

¿ Em que parte dos meus escriptos encontrou V. S.<sup>a</sup> visos de uma tão estúpida phitauca (3)?

¿ Acha V. S.<sup>a</sup> que taes inferencias são mui licitas e innocentes? ¿ Parece-lhe que chamar *alienação* á indignação de um homem de bem, acimado de espirito forte e prégador de absurdas impiedades, é uma expressão nobre ou ignobil?

Perguntei a V. S.<sup>a</sup> como e quando tinha V. S.<sup>a</sup> podido averiguar que *toda a parte sã do publico, e mesmo todas quantas pessoas que leram o meu artigo, tinham visto pullular d'elle, como rigorosas consequencias, os abominaveis erros que V. S.<sup>a</sup> lhe attribue sem poder assignar uma só phrase onde alli os descobria.*

A isto diz V. S.<sup>a</sup>: que, imitando a Jesu-Christo, quando Pilatos lhe perguntou o que era a verdade; V. S.<sup>a</sup> nada responde.

A saída, além de muito edificante, é por extremo ingenhosa.

E' provavel que a parte sã do publico assim a qualifique.

Entrando novamente na questão, diz V. S.<sup>a</sup>, que eu limito á soberba a efficacia da oração: como se ella não servisse para debellar os outros vicios.

Se V. S.<sup>a</sup> não lesse com prevenção o meu artigo, teria visto, que, assim como eu não disse, que a soberba era o *unico*, mas sim o *primeiro* peccado de Adão e Eva, tambem não podia ser minha intenção apontar a humildade, como a *unica* virtude que a oração é destinada a arreigar nos nossos corações.

Pois V. S.<sup>a</sup> não viu alli a enumeração dos actos de *arrepentimento*, de *gratidão*, de *dependencia*, de *amor*, de *charidade*, de *confiança*, de *resignação* que eu digo constituirem, juntamente com os de *humildade*, os elementos, a cujo complexo se dá, umas vezes o nome de *adoração*, e outras a de *oração*?

Mas torno a repetir: é impossivel escrever com clareza para quem não quer ler com attenção.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

TERCEIRA REIMPRESSÃO N'ESTE JORNAL DO ARTIGO DO EXM.<sup>o</sup> SR. SILVESTRE PINHEIRO-FERREIRA, IMPRESSO NO SEGUNDO NUMERO DO CHRISTIANISMO.

2871 *Vela e orae, para não cairdes em tentação*, nos diz o Divino Mestre. ¿ Mas em que consiste a oração do discipulo de Jesus Christo? ¿ As supplicas, que dirigimos ao Altissimo são ellas, porventura, análogas áquellas que costumamos dirigir aos grandes e poderosos da terra? Para respondermos a esta importantissima pergunta, consideremos se os fins que nos propomos n'estas supplicas são os mesmos d'aquellas orações.

Tres são os motivos por que, o homem necessitado de soccorro dirige as suas supplicas áquelles, por quem espera ou deseja ser soccorrido. O primeiro é para lhes lembrar a necessidade em que se acha do seu auxilio: o segundo para o fim de excitar a sua compaixão; e o terceiro para interessar o seu amor proprio, mediante este expresso reconhecimento da dependencia, em que o supplicante está da sua benevolencia.

¿ Verifica-se, por acaso, alguma d'estas tres razões nas supplicas que o christão inspirado pelo Espirito Sancto, e confiado nos merecimentos de Jesu Christo, dirige aos pés do throno de Deus

Padre? Seria impiedade sómente o imaginal-o; proferil-o, seria horrivel blasphemia: seria confundir a pureza da devoção christã com o torpe servilismo das superstições pagãs.

Não seria só impiedade, seria absurdo, dizer que as nossas orações teem por fim fazer conhecer ao Omnisciente as nossas precisões.

Dizer que nos propomos nas nossas orações despertar a misericordia de um Deus infinitamente bom, não seria só uma absurda blasphemia, seria uma monstruosa ingratição.

A presumpção d'aquelle, que fosse assaz insensato para imaginar que a infinita grandeza do céu e da terra se ufanaria de o ver a elle, despresivel vérme, rendendo homenagem á Divindade, seria o cumulo do orgulho e da estupidez.

Se pois Deus omnisciente não ha mister que lhe lembremos nossas precisões; se por sua infinita bondade não carece que á força de rogativas excitemos a sua beneficencia; se, emfim, na sua grandeza infinita, nossos cultos nada podem acrescentar á sua gloria; porque razão; ¿ com que fim nos ordena elle, não só que *velemos*, mas que *oremos*? Elle mesmo nol-o diz, quando acrescenta, que é *para não cairmos em tentação*.

Não é elle que precisa de que nós oremos: somos nós que precisamos de orar, se queremos fugir ao perigo, aliás inevitavel, de cairmos em tentação.

¿ Mas como é que a oração nos preserva d'esse perigo? perguntareis vós. Preenchendo-se a unica condição que o Senhor no momento de dar o ser aos nossos primeiros paes lhes impoz, se elles queriam viver eternamente na lei da Graça; não comer do fructo da Arvore da Sciencia do bem e do mal, que na sublime phrase das Sagradas Escripturas, é o emblema da soberba e do orgulho. Esqueceram-se nossos paes do preceito do Senhor: disseram: *Nós seremos tambem deuses*; e este pensamento de fatal soberba os fez a elles e a nós, sua progenie, passar da lei da vida immortal, á lei da morte.

¿ Que remedio pois nos dá para repararmos tamanho mal o Divino Mestre, que desceu do céu á terra para nos libertar da escravidão do peccado? *Orar*. Mas *orar é adorar* o Todo-Poderoso: é prostrar-se com humildade na presença do Senhor, que antes de tudo e mais que tudo nos recommendou, que velassemos para não cairmos no peccado da soberba.

*Orar é adorar* a sua infinita bondade que, sem mérito algum anterior da nossa parte, nos concede com as primeiras luzes da razão e logo

(3) Aqui mesmo; pois que tracta com *indignação* e chama diffamador a quem nada mais fez do que refutar um escripto de S. Ex.<sup>a</sup>

depois com as da Revelação, os thesouros das suas graças, sem outra condição mais do que o de sermos submissos e humildes, reconhecendo a nossa indefinida dependencia da sua infinita misericordia.

*Orar é adorar* a sua indefectivel justiça, que se pune os nossos delictos é para corrigir e emendar a nossa perversidade: com tanto que na presença dos golpes com que a sua Mão Paternal procura chamar-nos ao caminho da virtude, reconheçamos contritos nossas faltas, e submissos nos resignemos nos decretos da sua incessante e paternal Providencia.

Assim; humilhar-nos na presença da infinita Grandeza do Senhor: reconhecermos agradecidos a sua infinita Bondade e a nossa illimitada dependencia: submettermo-nos contritos e resignados aos imperscrutaveis decretos da sua Eterna Justiça e da sua vigilante Providencia: eis-aqui o em que consiste a Oração do Christão: — na linguagem d'esta sublime doutrina, *orar e adorar* são expressões synonymas.

*Silvestre Pinheiro-Ferreira.*

#### DA CENSURA E SEUS LIMITES.

2872 A INSCRIPÇÃO do presente artigo poderia ser titulo de alentados volumes; e se volumes fossem coisa que se hoje lesse, valeria a pena de profundar o assumpto para os escrever. N'este seculo, mais do que em nenhum, a censura, assim verbal como escripta, está sendo exercida por toda a gente.

O preceito religioso do amor do proximo é na verdade amplissimo; e, segundo elle, somos obrigados a não dizermos de outrem o que não quizeramos que outrem de nós dissesse. As leis do estado condemnam e punem o abuso, que, em damno da alheia reputação, podemos fazer da nossa liberdade de imprimir e de falar. — O escriptor publico diffamador é pois réu perante Deus, perante a sociedade, e perante a sua propria consciencia: é um miseravel, a quem todos aborrecem quasi tanto como elle proprio se aborrece.

Qual é porém o escriptor publico, em cuja testa se ha-de pôr a abrasada marca de diffamador?

Oiçamos a resposta do Exm.<sup>o</sup> Sr. Silvestre Pinheiro-Ferreira, e fallaremos nós depois: — «uma accusação, diz elle, sem se citar passagem alguma do artigo accusado, é, em termos de direito, um *libello famoso*, uma *diffamação*; porque a moral e as leis qualificam assim, não só os ataques atrozes á reputação de alguém, mas tudo o que em qualquer grau tende a menoscabar a sua reputação.»

Agora nós. S. Ex.<sup>a</sup> confundiu manifestamente duas idéas, tão distinctas entre si, como o crime o é da virtude. A diffamação é um acto livre pelo qual, maliciosamente, se descobrem ou se assaeam ruins obras, ruins palavras, ou ruins pensamentos, e levando-os ao conhecimento de outrem, se procura destruir o bom conceito, de que, justa ou injustamente, gozava aquelle de quem se maldiz. — «No criticar porém uma obra impressa, publicada e assignada, no criti-

cal-a, reproduzindo-a inteira no proprio acto em que se critica, para que todos possam acarear a censura com o censurado, n'um tal criticar poderá caber o nome de diffamação?! — Segundo S. Ex.<sup>a</sup> — sim: — mas segundo o senso commum de todos os tempos e de todos os povos — não.

Engana-se S. Ex.<sup>a</sup> estranhamente, quando assevera que uma tal critica é em termos de direito um libello famoso, uma diffamação; e que a moral e as leis qualificam assim não só os ataques atrozes á reputação de alguém, mas tudo o que em qualquer grau tende a menoscabar a sua reputação.

As leis, nem uma: e que appareça ella: em questões de facto não basta afirmar. — A moral, vejamos-o: e para isto começemos por desapprovar, como inconsideradamente escripto, pois não cremos que por malicia o fosse, o termo de *tendente*. Se *tendente* exprime caso pensado, empenho moral, em summa, *tenção* feita de desacreditar, o periodo de S. Ex.<sup>a</sup> torna-se inteiramente inapplicavel á hypothese, para que elle o escreveu; se porém S. Ex.<sup>a</sup> quiz simplesmente exprimir, como lhe cumpria, que é libello tudo o que por qualquer modo pôde menoscabar em qualquer grau a uma pessoa, ainda que tal não fosse o intuito do censor, então estamos no nosso caso, e repetimos que disse S. Ex.<sup>a</sup> uma grande falsidade.

Dois (já que S. Ex.<sup>a</sup> tanto se delicia com distincções) dois podem ser os fins, por que se escreve uma analyse, critica, censura, ou refutação. Um, por desauthorisar a pessoa, mostrando que ella fez má obra; — outro, por obviar aos danos, que, da má obra consentida, poderiam resultar. Aos escriptos feitos para o primeiro fim, chama-se em geral, e com mais mais ou menos propriedade, *satyra*: — aos escriptos feitos para o segundo fim chama-se *critica*.

A *satyra* é quasi sempre condemnada e condemnavel; a critica é permittida, é honesta, é nobre, é necessaria; — d'ella se usou sempre e se ha-de sempre usar entre os homens de bem.

*Vir bonus et prudens.....*

*Fiel Aristarchus:*

dizia Horacio como lei; e o mesmo Horacio acrescentava n'outra parte, como observador profundo,

*Derrisor vero plus laudatore movetur.*

*Nunquam te fallant animi sub vulpe latentes.*

A *satyra* e a critica ambas cortam e ambas doem; mas a primeira, como punhal de assassino; a segunda, como instrumento cirurgico. Mas toda a critica, diz S. Ex.<sup>a</sup>, menoscaba mais ou menos o credito do criticado: — sim: como toda a operação, destinada a salvar, mortifica emquanto se faz; como um remedio amargo emquanto se toma. Mas a critica de lei, e não infecta de espirito satyrico, procura, como a nossa procura sempre, não dilacerar no individuo senão o menos que ser possa, e nas feridas, que lhe faz, espalha quantos balsamos sabe para as suavisar.

O menoscabo, que de uma analyse pôde resultar a quem a padece, deve tambem ser dividido em duas especies; menoscabo moral, menoscabo intellectual. Ambos elles, confessamol-o, são duros de soffrer para o amor proprio: mas o menoscabo intellectual não infama como o moral, porque nenhum homem tem, (pelo menos não deve ter), a presumpção de infallivel; mas todos desejam ou devem desejar ser havidos como rectos, probos e bem intencionados; e casos ha toda-

via, em que o critico, sem se demittir do seu honroso officio para o de satyrico, póde atacar a um escriptor pela voluntaria malicia dos seus erros; — quem chamar avenenadora infame a George Sand, a apolo-gista do jogo, das galés, do adulterio, da sodomia, etc., haverá usado do seu direito; não haverá desobedecido nem á lei humana, nem á lei divina: pelo contrario, haverá cumprido varonilmente a religiosa e social obrigação do amor do proximo: mas os monstros como George Sand são raros; e em these podemos dizer, que o character moral dos escriptores deve ser respeitado, ao mesmo tempo que os seus erros se façam conhecer. Toda a critica, em observando isto, é justa; — e de justa passará a generosa, se, como já tocámos, apontando no escripto os erros do entendimento, — que sempre são males, mas que nem sempre são males imputaveis, — render ao mesmo tempo homenagens áquillo, que propriamente é do homem, que é a sua vontade; mostrando o como ella podia não ser complice na fragilidade da razão, nos extravios do raciocinio.

A nossa critica forceja sempre por ser justa; — quasi sempre generosa, e generosissima tem sido tambem em muitos casos: — e um d'elles foi a propria questão recém-finda com S. Ex.<sup>a</sup>

As intenções secretas são, por via de regra, inviolaveis quando menos, (porque no nosso cathecismo moral chegam ellas a respeitaveis); e segundo isto peccou S. Ex.<sup>a</sup> quando a pag. 384 d'este jornal attribuiu a nossa sisuda critica a fins maus e secretos.

Eis-aqui as dulcissimas e não diffamatorias palavras, que S. Ex.<sup>a</sup> nos endereçou no lugar supracitado: —

«Tal é a arteira perfidia com que aquelle escriptor « — (somos nós) — soube enlaçar na sua memoria os « insulsos elogios ao meu nome, e as contradictorias « citações do meu artigo, com os erros que elle sabia « não existirem alli, mas que por motivos só a elle co- « nhecidos se tinha proposto attribuir-me. »

Eis-ahi o que juristas e não juristas chamariam diffamação e calumnia; mas a analyse que nós nos abalançámos a fazer, do que no impresso de S. Ex.<sup>a</sup> nos pareciam erros, foi, — como sempre o ha-de ser tudo quanto em egual genero e com eguaes limitações e resguardos se fizer, — uma obra licita, decente, e louvavel por parte das intenções; e para que S. Ex.<sup>a</sup> não escarneça o dicto como vanglorioso, assental-o-hemos em sentença de auctor, que ninguem póde venerar mais do que S. Ex.<sup>a</sup>, porque é S. Ex.<sup>a</sup> mesmo.

Eis-aqui o que S. Ex.<sup>a</sup> escrevia em nosso jornal a 5 de octubro de 1842: — «os erros nos impoem obrigação de refutal-os.» Logo quando S. Ex.<sup>a</sup> hoje diz, que o diffamámos, nós não fizemos mais do que desempenhar-nos de uma OBRIGAÇÃO que S. Ex.<sup>a</sup> nos impuzera, ha dezeseite mezes, e seguir o exemplo, que S. Ex.<sup>a</sup> em toda a sua larga vida tem constantemente dado; pois que todas as suas obras não são mais que refutações, e ás vezes desabridas, do que a S. Ex.<sup>a</sup> pareceram erros.

Se na republica litteraria não ha duas leis, uma para S. Ex.<sup>a</sup>, outra para nós, se não ha duas medidas, uma para pagar outra para receber, — ou o que nós fizemos a S. Ex.<sup>a</sup> não foi diffamal-o — ou S. Ex.<sup>a</sup> nos diffama a nós e tem diffamado a meio mundo, [e no-

meadamente e sem sair d'este jornal ao Sr. Dr. Simas (Rev. Univ. pag. 247 do III volume) a Mr. Flourens (Rev. Univ. pag. 27 do II volume)] porque a todos esses seus censurados *tenderam os escriptos* de S. Ex.<sup>a</sup> a *menoscabar a reputação*; não disemos a reputação de probidade, mas indubitavelmente a de juizo; — e consentirá S. Ex.<sup>a</sup> em que o affrontem com o apódo de libellista de Kant, de Chateaubriand, por exemplo? Não de certo e com toda a razão; — e como logo somos libellistas nós? — Mas dirá S. Ex.<sup>a</sup> — o que eu censurei n'outros como erros, eram erros; o que em mim, como erros, censurou o redactor da *Revista*, não n'o eram. — Póde ser; mas não é S. Ex.<sup>a</sup> o juiz em tal materia.

Para nos tirar toda a imputação odiosa basta, que erros fossem em nosso conceito, os que por taes impugnávamos; — e que em nosso conceito o eram, fica evidente, pois que longe de sonegarmos o artigo de S. Ex.<sup>a</sup> a que nos referiamos, o temos reproduzido até á saciedade e ao enfadamento. Á vista de tão incontrastavel demonstração, é manifesto, que ainda quando houvessemos querido diffamar e calumniar, não o teriamos podido, porque o documento lá estava, olhando-nos de todas as partes, para nos desmentir, e não se póde faser ao juizo publico maior agravo do que suppôr, que os nossos sophismas eram capazes de lhe fazer vêr n'um impresso, que se lhe mettia aos olhos, o que lá não estava, ou deixar de ver o que lá estava: — pelo contrario, sem receio de que nos chamem vaidosos, podemos affirmar que nunca, desde que ha analyses, se fez uma analyse tão insuspeitavel de má fé, como esta nossa; nem mais suave, nem que mais portas viesse ella mesma abrindo ao adversario para uma honrosa retirada. Oxalá que todos os criticos, em cujas mãos caírem as nossas obras, imitem antes o que nós a S. Ex.<sup>a</sup> fizemos, do que não o que S. Ex.<sup>a</sup> nos fez a nós.

Concluimos, pedindo e emprasando, perante o Publico, ao nosso amigo, collaborador e philosopho ás direitas, ALEXANDRE HERCULANO, para que se resolva enfim a enriquecer as nossas paginas com a philosophica dissertação por elle ha muito meditada, sobre os deveres e os direitos da critica. É tempo de acabarmos com estes anachronicos preconceitos de interessados, que apenas se lhes aponta um erro, levantam clamores até ás estrellas, — assim como com os infames desvarios dos malevolos, que transformam a critica em satyra. Em toda a Europa, se acha em exercicio, ha muitos annos, a critica scientifica, litteraria, artistica, e politica; — e a isso provavelmente, se devem mais que a outras causas, os progressos intellectuaes dos povos designados com antonomasia de illustrados. Entre nós apenas se conhece sob o nome de critica o thuribulo fetido e nojento ou o azorrague: a apothéose ou o libello. É necessario que um genio de irresistivel auctoridade, como este que citamos, atire junctamente o azorrague e o thuribulo para o fundo de um abysmo de ignominia, d'onde ninguem mais se atreva a ir tiral-os; e proclame os imprescriptiveis direitos do entendimento humano. O calar ou divinizar erros, só por não desprazer a quem os assoalha, é crime de covarde; é tornar-se responsavel de quantos males proximos ou remotos d'ahi se hajam de seguir; é sacrificar a socie-

dade ao individuo, e, mais vezes ainda, ao egoismo do que á lisonja.

### O GOVERNO NAS MÃOS DO VILLÃO.

MEMORIA DO SEculo PASSADO.

VIII.

O golpe ha dado tão bem sobre ti! tua ferida é grande e mortal. Não imagines, que dois ou tres suspiros debes, te poderão dar uma inteira cura. Rompe-te em mil pedaços, entrega-te á ddr.

S. Francisco de Sales. — Livro de oração. — Viva Jez. — Terc. acto.

#### FLOR DO MINHO QUE MURCHA NO LIMA.

2873. DEFRENTE da muito esclarecida e monumental Villa de Ponte de Lima, e na quebrada de um oiteiro formosissimo, que se banha com suas abas de verdura nas mansas e fagueiras aguas do rio, a que os nossos *rimados e venerandos vates* baptisaram de *Lethes Lusitano*, recostado, como sultana vaidosa, n'um voluptuario leito de relva, e cercado de *quintas e logares*, enfeitados de suas vinhas e arvoredos, repousa graciosamente o mosteiro de *Valle de Pereiras*, tão largamente dotado pelo nosso grandioso rei D. João III, e de continuo refrescado pelas auroras que vão, como tributárias, levar-lhe o seu fêudo de perfumes balsamicos, — ou pela claridade do dia, ou pela escura tranquillidade da noite.

No tempo em que a nossa historia passava, ainda os seus telhados eram rubicundos, como o disco do sol que n'elles reflectia; ainda as suas paredes eram alvas e nevadas, como as almas das sanctas freirinhas *franciscanas*, que alli viviam paz e descanso, offerecendo suas preces ao Altissimo por aquelles, que, como nós, andavam peccando por este destêro arido da vida.

Então era elle muito bonito; mas... veio o *progresso* e fez-lhe as boas *refôrmas*, que tem feito a muitas outras coisas, que por ahi vão por esse mundo de Christo. Intendeu que aquella humilde e virtuosa casa podia fazer damno á *civilização*. — e podia... isso! — mas vamos, tirou-lhe as tristes velhinhas das suas cellas de penitencia, e deixou-o ficar ao desamparo; e os telhados começaram a fazer-se feios, e a encher-se de musgo e de hervas; a cal das paredes começou a ser lambida pela chuva e a deixar ver as pedras e o barro descarnado, e sem gala nenhuma, e...

N'uma cella voltada para o lado das serras, que em cordilheira fechada dividem o Lima do Minho, e que pertencia a *soror* Francisca da *Encarnação*, que foi no *seculo* D. Francisca da Cunha e Castro, irmã de Bartholomeu da Cunha: ao pé da janella

Co'o peito encostado á pedra,

Co'o semblante unido á grade,

estava quêda, e sem dar tino de si, a infeliz D. Helena da *Lobaria*, vestida com a negra tunica de secular, que lhe pesava, como uma armadura de ferro; que a enluctava, como a mortalha da sepultura.

Padecia: mas era ainda tão bella!..

Seus olhos languentes e meigos estavam pregados nas agrestes penedias e urzes bravas do monte: parecia que desejavam atravessal-o, para enxergar o que se passava pelas raias de Galliza.

Quando assim era toda tomada d'aquella pena,

veio pousar-se sobre a vergontea d'um viçoso loireiro um rouxinol mavioso, e começou a trinar tão docemente suas amantes porfias que a donzella sentiu entrar-lhe pelos ouvidos uma brandura, que lhe veio repassar os seios d'alma.

— ; Como é feliz aquella avesinha!.. — disse ella então — canta... e talvez que o seu companheiro não tarde a vir encontral-a, e retribuir-lhe com caricias o seu carpir doloroso. Mas... eu!.. choro e lamento-me encerrada n'esta prisão, a que innocente me condemnaram, e em que não encontro senão esses echos abafados que me respondam, e que me intendam. Ella que lá voou... oh... tem liberdade, vò para onde lhe apraz... não pôde soffrer a magoa de estar só... e eu?... eu não posso sair d'aqui... e hei-de estar só... sempre só... sem poder ao menos arrasar aquellas serras e saber o que foi feito do meu....

E aqui um jôrro de pranto lhe veio cortar as vozes. ; Ai, triste de D. Helena, que tanta razão tinha para se lastimar! desentranhada, assim de repente, do centro de sua familia, d'aquella terra de tão saudosas lembranças, ignorava inteiramente qual fosse a sorte do seu desgraçado amante, que fôra colhido com ella n'essa noite aziaga e calamitosa. O desmaio que n'esse instante a derrubou, como exanime, embargou-a de attentar na catastrophe pavorosa, com que rematou a scena mais infetiçada e maravilhosa da sua existencia; e as pessoas, que pelo caminho a acompanharam, tambem não podiam informal-a d'aquillo que tanto lhe importava saber, porque o barbaro verdugo da sua ternura, Rodrigues, esse criado detestado, a atalaiava de continuo, sem que lhe deixasse logar para exhalar apenas um suspiro.

¿No convento a quem o havia de perguntar?

¿A's seculares? Era ella a unica.

¿A's criadas? Não ousava confiar-lhes segredo de tanta monta.

¿As freirinhas? ; Essas, sim! que não cuidavam se não das suas *vesperas e completas*.

¿A sua tia? só se fosse a essa; que era uma serva de Deus, como ha poucas. Mas acovardava-se; e de mais, era tempo perdido, porque *soror* Francisca recebera recommendação formal de não conversar com ella sobre tal ponto; recebera-a de Rodrigues, que os dias que alli se demorou com o capellão e criados da *Lobaria*, não cessava de vellar, porque se cumprisse á risca o que determinára; e tambem nunca foi lá d'essas coisas de amoricos: muito affavel, e lbana: mas em se fallando em homens... ; Deus nos acuda! lá se ía tudo quanto Martha fiou. ¿De quem se havia então de valer a infortunosa D. Helena? ninguem apparecia que podesse esclarecel-a, e consumida, ralada, desfeita assim de desesperação e de incertezas, conhecia que as forças lhe minguavam, que a vida se lhe esvaecia, e pedia a Deus que lhe abreviasse o instante de fazer para o céu o seu passamento, ou que a tirasse d'alli, e a deixasse ver, ao menos uma vez unica, o mancebo, cuja imagem lhe estava gravada n'alma, ainda que por tal preço arriscasse a sua felicidade e salvação eterna.

— ; Meu Deus! — balbuciava ella conservando-se recostada na janella, atravez de cujos varões de ferro entrava a aragem morna e abafada da tarde — ; meu Deus!.. ; porque razão me condemnastes a ser assim desditosa!.. em que vos mereci eu tamanho casti-

go;... amar!... ; oh vós bem sabeis, como eu o amava, meu Pae do Céu! Bem o sabeis... era com uma pureza... com uma candura... com uma innocencia... era um amor como o que os anjos vos consagram, porque vós sois a sua luz, e a sua gloria... e era elle... era o meu Fernando, que me alumiaava estas trévas da vida, era elle só... era toda a minha gloria... meu Deus, compadecei-vos de mim, dae-me a morte... a morte...

—¿E queres o inferno depois d'ella, filha?—interrompeu D. Francisca que abrira cautelosamente a porta, e que ouvira as duas ultimas palavras de sua sobrinha.

D. Helena ficou immovel: a appareção de sua tia, e aquella idéa... fizeram-na enfiar de medo—o inferno?!—murmurou ella.

—Sim o inferno, Helena: que é lá que vae parar quem se rebela contra os decretos da Providencia. Olha: repara bem: nunca desejés morrer, porque ainda que n'este mundo se padeça...

—Ah! eu padeço muito minha querida tia—exclamou enfim a mesquinha donzella, occultando entre as mãos o affogado rosto, como envergonhada de haver declarado mais do que lhe relevava.

A consoladora religiosa passou-lhe a dextra por sobre a cabeça, anediando-lhe os seus cabellos de ébano, que o alvo e desleixado véo de *escamilha* deixava livres e descobertos, e admoestou-a carinhosamente com estes conselhos de solidissima charidade:

—Não te mates assim, filha; não te afflijas: deita o coração ao largo: o que Deus quizer; põe-te nas suas mãos, que elle só procura o bem das creaturas. Ora vamos, anda: levanta a cara para cima, anda, que temos na grade uma visita.

—Uma visita?—perguntou D. Helena—e quem é?

—É... é Rodrigues.

—¿Rodrigues?!—e uma cortina de tristeza offuscou aquelle assomo de esperanza, que bruxuleára pelas feições da angustiada.

—Sim é Rodrigues—proseguiu a tia—que traz um recado de minha cunhada... de tua mãe, para ti.

—¿Um recado? Minha tia venha comigo.

—Vou, menina, vou. Põe-te a pé... upa!—e ajudou-a; e sopezou-a do assento da janella; mas ao tocar-lhe notou que estava fria como a propria neve, e assustou-se a tal ponto, que considerou lá para si:

—¿Que será o que tem minha sobrinha?... não me vá ella por ahí adoeecer! ora para que a mandaria para cá sua mãe? foi lembrança dos meus peccados!

Emquanto desceram as escadas do dormitorio, Soror Francisca procurou sempre distrair a melancolia da desfallecida menina, e quando entraram na salla da grade, viu distinctamente que o rosto se lhe impallidecia e arroxava, e interrogou-a:

—¿Não te sentes boa, Helena?

—Sinto, sinto, minha senhora.

Assentaram-se ambas.

—O recado que eu tenho a dar á Senhora D. Helena da Cunha—fallou Rodrigues, depois de lhe haver feito um cumprimento risonho, mas visivelmente velhaco, e simulado—é só para ella, e muito particular, conforme me recomendou a Ill.<sup>ma</sup> viuva de meu amo que Deus tem no seu Sancto Reino, e por consequencia...

—¿Quer que eu me retire d'aqui, não é assim?—acudiu Soror Francisca.

—Se V. S.<sup>a</sup> não leva isso a mal...—respondeu hypocritamente o *escudeiro*.

—Ai, eu... nada.—Até já, minha filha; voltarei logo que tu me chamares.

—¿Olhe lá se volta?... ¿Sim?...—lhe observou a misera secular.

—Sim, sim—e saiu cerrando a porta.

Rodrigues ficou á sua vontade; do passo que elle se aparelhava a dar é que dependia talvez a sua futura independencia e pujança. Ávido e egoista não queria quem lhe pozesse obstaculos ás suas ordens.

Da mão de D. Anna de Amorim já estava elle seguro, porque tinha o titulo authenticico bem fechado, a septe chaves. O que lhe faltava era estorvar a união da herdeira com outro homem, qualquer que elle fosse; porque como se costuma dizer, não gostava de ver dois gallos no mesmo poleiro. Eis-aqui o que o obrigou a sair ao anoitecer, da *Lobaria*, sem reparar a incommodos, e fadigas, e a occultar cuidadosamente á sua noiva e a toda a familia, o logar para onde se dirigia, e o objecto da sua viagem inesperada; eis-aqui o que o levou a abusar do nome e da auctoridade de uma mãe, para perpetrar o mais atroz e escandaloso dos crimes.

Retomando o character sobranceiro que costumava adoptar em taes circumstancias, lhe fallou d'este modo:

—O motivo que hoje aqui me conduz, Senhora, é declarar-lhe que sua mãe está na firme e inabalavel tenção de a não admitir mais em sua caza.

D. Helena ficou gelada, e tranzida.

O feitor continuou:

—E manda mais participar-lhe que se prepare para entrar, quanto antes, no *noviciado*, porque ou com voeação, ou sem ella...

—¿Quer que eu professe?—perguntou a desventurada com um aspecto que abrandaria as rochas mais bronzas e escarpadas.

—E ha-de professar—lhe volveu decididamente o eriado, que já saboreava na mente o proveitoso fructo que ia colher, dentro em breve, d'aquella sua engenhosa invenção.

A extremosa e apaixonada donzella quiz dar largas á sua desesperação, mas os conselhos de sua tia, e sobre tudo o quebramento, de que se sentia oprimida, não lhe deixaram pronunciar mais do que estas phrases cortadas de soluços:

—Não me quer ver mais... que hei-de ser freira... pois sim... sim: sel-o-hei... e tambem... serei freira, porque tudo o que me prendia lá fóra...

—Está findado para V. S.<sup>a</sup>—lhe tornou Rodrigues.

—¿Findado?—gritou ella, porque n'aquelle instante vira realisado os seus receios mais pungentes—findado?!

—Tudo, sim: tudo findado.

D. Helena empenhou-se em concentrar todo o seu alento e constancia, e fazendo um derradeiro esforço como a luz que antes de apagar-se soluça um clarão chammejante e confuso, disse-lhe n'um tom firme e deliberado:

—Rodrigues, falle-me desenganado, que sou filha de seu amo a quem você tanto deve. Rodrigues, diga-me a verdade: qual foi o destino do mancebo

com que você me encontrou . . . . . aquella noite? diga.

— Quer sabê-lo, Senhora?

— Quero.

— E terá valor?

— Valor? . . . oh meu Deus! . . . Rodrigues, falle.

— Esse mancebo. . . .

— Jesus!!! acabe.

— Esse mancebo. . . . matei-o.

A infeliz soltou um gemido acerbo, arrancado lá do mais fundo do peito, e baqueou-se sem sentidos nos tijolos do pavimento, como a rolinha, que varada pelo tiro, cae despenhada do lascado pinheiro, em que se poisára.

Soror Francisca, em cujos ouvidos reboára aquelle brado improviso e dolorido entrou, e correu a soccorrel-a.

E Rodrigues. . . .

Ufanava-se da sua victoria.

A. P. da Cunha.

(Continuar-se-ha.)

## NOTICIAS.

### BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA.

2874 No *Diario do Governo* de 22 de corrente se lê a seguinte portaria: —

« Foi presente a Sua Magestade a Rainha, o Relatório que o Bibliothecario-Mór da Bibliotheca Nacional de Lisboa enviára a este Ministerio sobre o estado da administração d'aquelle Estabelecimento: E, vendo A Mesma Augusta Senhora, que o dito Bibliothecario procura, com illustrado zêlo, dar util impulso á execução das Leis porque é regida a Bibliotheca, e que forcejando, com desvelado empenho, por estabelecer a regularidade e devida ordem no systema de catalogação e coadunação dos preciosos objectos de tão rico deposito, tem provido á segurança e conservação d'elles, e alcançado melhoramentos progressivos nos demais trabalhos bibliographicos, e em todo o serviço da Repartição a seu cargo, com reconhecido proveito do Estado, das Sciencias, e das Letras: Manda, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, significar ao Bibliothecario-Mór, o Doutor José Feleciano de Castilho Barreto e Noronha, que os actos da sua gerencia são dignos do louvor e approvação Real, por haver correspondido ao conceito, que se formava do seu merecimento e prestimo; Esperando Sua Magestade, que elle não cessará de se empregar sempre, com o mesmo ardor, no exacto cumprimento dos seus deveres; tendo intendido, que das providencias, que reclamára, serão desde logo expedidas as que forem da competencia do Governo, e propostas ás Côrtes as que dependerem do concurso do Poder Legislativo. Paço das Necessidades, em 10 de Abril de 1844. — Antonio Bernardo da Costa Cabral. »

Como no longo relatório a que esta portaria se refere, e que é o primeiro, que jámais se fez sobre este estabelecimento publico, se contém um grande numero de factos geralmente ignorados até pelos estudiosos, e a noticia de diversos importantes melhoramentos, que ahí se tem recentemente introduzido, nos seguintes numeros transcreveremos alguns excertos d'este documento, que não serão lidos sem prazer.

### O FALSO CLERIGO CONVERTIDO EM CHRISTÃO VERDADEIRO.

2875 NENHUM dos nossos leitores esqueceu ainda a curiosa historia do Padre Mathias Antonio dos nossos artigos 400, 453, 1280, 1623, 1795 sentenciado em 12 de maio de 1843 a oito annos de galés, e, desde então até hoje, preso na cadêa do Limoeiro.

Eis-aqui uma carta, que d'elle acabamos de receber: —

« Eu abaixo assignado, Mathias Antonio, tendo dado publicos, e gravissimos escandalos por ter exercitado, sem ter Ordens algumas as Funções de Sacerdote, no Altar, no Pulpito, e no Confessionario, por espaço de dous annos na Gollegã, e em Lisboa, e havendo recabido no mesmo crime depois de descoberto, agora tocado, como creio da Graça de Deos, e tratando de fazer a minha reconciliação com o mesmo Deos por meio de huma confissão geral, acho ser minha obrigação rigorosa confessar publicamente os sobreditos crimes, e pedir perdão ao Publico pelos gravissimos escandalos e prejuizos que lhe tenho cauzado.

« Declaro que detesto do fundo do meu coração os ditos crimes, e prometto diante de Deos e do Publico nunca mais cometter semelhantes attentados, e humildemente peço aos Fieis que me ajudem com as suas Santas Orações. Cadêa do Limoeiro em 15 de Abril de 1844.

« Esta minha satisfação devia ser dada ha mais tempo, mas não foi possivel por motivo de doença, que me impossibilitava de assignar.

Mathias Antonio.

A Assignatura supra foi feita em minha presença por o prezo Mathias Antonio. Cadêa da Cidade 15 de Abril de 1844. O Carcereiro

Antonio Ribeiro Cerqueira.

Não sômos d'aquelles, que não dão a um homem licença para mudar sinceramente de opiniões e comportamento; mas tambem não sômos dos que sem muito boas provas accreditam nas subitas revoluções moraes.

Antes pois de nos decidirmos a estampar a carta supra, havemos por conveniente e necessario procurar informações menos suspeitas: escrevemos para este fim ao sr. carcereiro da cadêa da cidade e eis-aqui a sua resposta:

Illm.º Sr. — « Que seja necessario maduro exame, e grande circunspeção em acreditar conversoens de homens obstinados em delinquir, he couza tão reconhecida, que a Santa Igreja nada decide a tal respeito senão depois de empregar todos os meios para tal fim. Que a vida do suposto Padre Mathias he assaz conhecida; e que seus erros são por todos bem sabidos he verdade incontestavel, e grande fundamento tem V. S.ª para desconfiar da conversão deste homem, pois não sabe que Deos para tão importante negocio qual o da salvação daquella alma, se servio como de agente, do Padre Gregorio de Salles Pinto, que auxiliado pelo Poder Supremo do mesmo Deos, obteve tão feliz resultado.

« O dito supposto Padre Mathias pode ser que fallasse ao Padre Salles sobre a sua confissão quaresmal, por ser esta uma obrigação de todos os presos; mas talvez estivesse bem longê de saber o que lhe havia de acontecer — como S. Paulo,

« quando hia para Damasco. S. Paulo cahio aterrado  
 « com o folgor da Luz, e com o som da vóz que sa-  
 « hio da nuvem; Mathias cedeu á mesma voz; mas  
 « communicada com a doçura que caracteriza o Padre  
 « Salles, que sabe insinuar-se nos coraçoes dos pe-  
 « cadores para delles fazer coraçoes de Justos. Não  
 « ha duvida que isto seria muito difficil a qualquer  
 « outro mas Deos repartio este grande dom com este  
 « seu Ministro; e sua falta seria por certo mui sen-  
 « tida. »

« Nove sentenciados á pena ultima dos quais se  
 « achayão quatro impenitentes, com assistencia deste  
 « Sacerdote derão todas as provas de verdadeiro ar-  
 « rependimento. Publicos forão estes factos pella im-  
 « prensa, e ahí anda a vida de Diogo Alvez, Mattos  
 « Lobo etc., cujo tranzito ao cadafalço V. S.<sup>a</sup> com tan-  
 « to apuro descreveu; bem fortes erão estes Castellos,  
 « e forão vencidos pelo grande Atleta de que fallo!

« Alem destes, houve nesta Cadea dois enfermos os  
 « homens mais obstinados que tenho visto; varios  
 « Sacerdotes debalde imprecenderão a conquista destas  
 « almas, por mais que lidarão: a palma estava re-  
 « zervada para o Padre Salles; e elle a ganhou.

« Se para testemunhas do que digo convidasse al-  
 « guns Parochos desta Cidade elles dirião, quantos  
 « impenitentes em suas respectivas Parochias, assis-  
 « tidos do Padre Salles, se voltarão ao caminho da  
 « Salvação; confeçandó que a felecidade deste Sacer-  
 « dote, em tais apertos he tanta, que bem se pode  
 « dizer, que Santa Ritta, Adevogada dos impossiveis  
 « lhe tem prestado todo o seu valimento; em cazos  
 « de tanta importancia.

« Espero V. S.<sup>a</sup> me desculpará de não ser tão ex-  
 « tenço quanto dezejaria; e sou

De V. S.<sup>a</sup>

Att.<sup>o</sup> V.<sup>o</sup> e Obrigado.

Antonio Ribeiro Cerqueira.

Lisboa 16 de Abril de 1844.

A conhecida probidade d'este empregado dava em  
 nosso conceito grande peso ao precedente documento:  
 mas faltava-nos ainda o depoimento, que em tal ne-  
 gocio podia ser o mais convincente. Escrevemos ao  
 Sr. Padre Gregorio de Sales Pinto, de cuja sciencia e  
 virtudes, já por vezes n'este jornal temos tido occa-  
 sião de fallar; e vimos a inesperada e feliz nova com-  
 provada pela resposta, que se vae ler: —

Illm.<sup>o</sup> Sr. — « Para satisfazer ao pedido na Car-  
 « ta de V. S.<sup>a</sup> lhe participo que tendo frequentado,  
 « desde Janeiro do presente anno, a Cadea do Limoei-  
 « ro para dizer huma das seis Missas, que a Santa  
 « Caza da Misericordia ali manda celebrar nos Domin-  
 « gos e dias Santos, encontrei por acolyto o supposto  
 « Padre Mathias: foi inexplicavel o sentimento de  
 « que me achei passuido contemplando a desgraça da  
 « quella alma; e dezejando valer-lhe, do modo que  
 « me fosse possivel, comecei logo a travar conversa-  
 « ção familiar com o dito infeliz procurando (por mo-  
 « dos indirectos) attrahir ao rebanho de Jezus Christo  
 « aquella ovelha tão desgarrada; e para melhor con-  
 « seguir tão justo fim roguei a pessoas de piedade que  
 « orassem a Deos pela verdadeira conversão daquelle  
 « desgraçado.

« Dois mezes erão passados nestas diligencias quan-  
 « do inesperadamente no dia 24 de Março hindo eu

« para dizer Missa fui rogado pelo dito Mathias para  
 « o ouvir de confissão no dia seguinte mais cedo.

« No mesmo dia 24 proximo ás Ave Marias me apre-  
 « sentei na Cadea, e roguei ao Snr. Carcereiro me  
 « concedesse licença para fallar particularmente ao  
 « dito prezo, declarando-lhe para que fim pedia esta  
 « licença, o que logo me foi concedido.

« Retirados a hum quarto particular, e começando  
 « a fallar-lhe sobre as disposições para a sua confis-  
 « são, ali houverão argumentos de parte a parte, e  
 « continuando eu por mais de huma hora o desgraça-  
 « do se convenceo, mudou inteiramente de pensar,  
 « rogou-me tomasse conta da sua alma e lhe determi-  
 « nasse o que devia fazer para tratar mui seriamente  
 « do importantè negocio da sua Salvação. O' Maravi-  
 « lha da Graça! Aquelle infeliz convencido já, con-  
 « templa com assombro a grandeza das Misericordias  
 « de hum Deos tres vezes Santo, ja dezeja reformar  
 « sua vida, e reconciliar-se com Deos por meio de  
 « huma confissão geral.

« Ajustámos fallar no dia seguinte de tarde, ou a  
 « noute para começar a dita confissão (o que se effei-  
 « tuou) e continuando alguns dias para o complemen-  
 « to da mesma, no principio do presente mez de Abril  
 « fui dizer Missa para lhe ministrar a Sagrada Com-  
 « munhão.

« He quanto em verdade posso certificar a V. S.<sup>a</sup>  
 « de quem sou Vn.<sup>o</sup> mt.<sup>o</sup> att.<sup>o</sup>

Padre Gregorio de Sales Pinto.

Lisboa 18 de Abril de 1844.

#### EXCAVAÇÕES POETICAS.

2876 COMEÇOU a sair á luz em volumes de oitavo  
 grande, (que se podem comprar separados) a collecção  
 das obras de Antonio Feliciano Castilho, de cerca de  
 tresentas paginas cada um. O primeiro volume publi-  
 cado esta semana, intitulado — Excavações Poeticas  
 — contém: —

Dedicatória. — Prologo. — A Francisco de Paula  
 Cardoso de Almeida, epistola. — Sancta Iria, xacara.  
 — Os Desejos do Romeiro, precedido de uma peque-  
 na prósa. — As Flôres, devaneiosinho de uma alvora-  
 da de primavera. — Os treze annos, cantilena. — Epi-  
 gramma. — A Infancia, traducção do dinamarquez. —  
 Aborto de uma sátira. — Advertencia ao apólogo « Os  
 Macacos. » — Os Macacos, apólogo. — Preambuló aos  
 versos liberaes. — Extracto da « Guarda Avançada. » —  
 Notas sobre as composições do Outeiro, por Sebastião  
 Corvo. — A Apparição. — Decreto de mercê feita ao  
 auctor. — A Meditação. — Todos livres, etc., soneto.  
 — Sobre a poesia latina e a alatinada. — Ad Rempu-  
 blicam, ode de Horacio. — Ao Estado, paródia da  
 precedente. — Elegia ad musam quod latinè scribere  
 incipiam. — In natalem meum. — Versos escriptos  
 n'um album. — Ao usurpador, soneto, precedido de  
 um preambuló. — O Sacrificio a Camões, poemeto,  
 precedido de uma advertencia. — Epitaphio gravado  
 no túmulo de um rico. — A Desertação Gloriosa, can-  
 tata, com uma explicação prévia. — Defesa de um  
 inconstante, cançoneta, com uma advertencia. — Ex-  
 plicação da carta a João Jorge de Oliveira Lima. —  
 Carta, em verso, ao mesmo. — Epigrammas a Filin-  
 to. — O seu a seu dono, prósa relativa aos epigram-  
 mas a Filinto. — Ao usurpador, epistola, com uma  
 advertencia prévia. — A um amigo no dia dos seus an-

nos. — Eu, Antão Verissimo, e a mosca, parabola. — Sonetos no anniversario de S. M. F. em 1834, precedidos de um preambulo. — Os Sonhos. — Ao Povo nas eleições de 1834, epistola, com uma advertencia. — Hymno cantado no theatro de S. Carlos em 1836. — O Quadro Animado, anacreontica. — A Tempestade, idem. — O Clarim, idem. — Prôsa relativa ás anacreonticas. — A morte da «Chronica Constitucional de Lisboa» Elegia. — Rendez-vous a uma Senhora. — As folhinhas antigas e modernas, com uma nota. — Epigramma a um avaro — A fonte fria de Bussaco, ode. — Elogio de um poetastro. — Impertinencia das mãos, adivinhação moral. — Inscricção para um monumento juncto a Alcacer-do-Sal. — Hyems, elegia latina. — A Mauricio José Sendim, havendome retractado em lithographia, epistola. — O amor e o tempo, conto. — O anjo da harmonia, cançoneta. — Epitaphios a Fr. Gaspar. — Prôsa em satisfacção dos epitaphios. — A Filippe Folque, epistola epithalamica, precedida de uma advertencia. — A Ribeira e o Lago, fábula. — As duas Primaveras. — Metamorphoses de todos os tempos. — Ao Sr. Borges, excellente compositor de musica, epistola acompanhando um exemplar do meu livro «Amor e Melancholia». — Poesias francesas intermeadas de suas explicações em vulgar. — O Commercio de Cithera, explicação dada aos que só lêem pela rama. — O Commercio de Cithera, cançoneta atravessada. — Poesia dinamarquesa. — Saudades da Patria, poesia do dinamarquez Oelenchlaeger, achando-se em Italia. — O Cemiterio Campestre, com uma nota prévia. — O Campanario de Farum, poemeto, tradusido do dinamarquez de Boye. — O Acalentar da Neta, xácara. — Na festa de um baptisado. — Epigramma com uma nota. — A Francisco de Assis Rodrigues, epistola, precedida de um preambulo.

Das obras do mesmo auctor vão ser reimpressas aquellas cujas edicções se acham esgotadas, taes como, a Primavera, A Noite do Castello, Amor e Melancholia, etc.

Assigna-se nas lojas, de *Bertrand* aos Martyres — e da *Viuva Henriques* rua Augusta n.º 1; — e nos escriptorios da *Revista Universal Lisbonense*, rua dos Fanqueiros n.º 82, 1.º andar; — e da *Typographia Lusitana*, rua do Abarracamento de Peniche n.º 43.

Correspondencia, dirigida ao editor Thomaz Antonio de Paiva, franca de porte. O preço das assignaturas de provincia deve ser pago em qualquer dos sitios abaixo designados. O editor transmite as obras gratuitamente aos seguintes pontos: — Lisboa, Porto, Coimbra, Setubal, Evora, Faro, Castello-Branco, Vizeu, Guimarães, Bragança, Ilhas da Madeira e S. Miguel.

Titulos de algumas das obras de que se comperá esta colleccção. — Excavações Poeticas — Presbyterio da Montanha — Amor e Melancholia — Consolações — Quadros Historicos de Portugal (muitos volumes) — Flores — Usbeck — Primavera — As quatro partes do dia e a festa do Amor Filial — A Sacerdotisa de Venus — A Noite do Castello — O Ramal de Perolas — Metamorphoses de Ovidio (3 vol.) — Os Amores de Ovidio (3 vol.) — Xacaras — Romances, e Lendas — Tributo Portuguez á Memoria do Libertador — Ignez de Castro (romance) — O Homem do diabo e de Deus, ou o Sancto Frei Gil — Palavras de um Crente — A Felicidade no Sepulchro, ou Historia de uma noite de S. João — D. Quixote do Romantismo — Theatro (2 vol.) etc.,

Assignatura por volume em papel ordinario 480 rs.,

em superior 720 rs., em optimo 800. Avulso 600, 800, 960 rs.

No fim de cada volume, insere-se a lista dos assignantes respectivos.

Nas partes supra-indicadas se vendem as seguintes obras do mesmo auctor:

Excavações Poeticas (pertence a esta colleccção) — Metamorphoses d'Ovidio (1.º vol.) 600 rs. — A Noite do Castello, os Ciumes do Bardo, a Confissão de Amelia 600 rs. — Palavras de um Crente 600 rs. — Tributo portuguez á memoria do Libertador 300 rs. — Quadros Historicos (cada um, com as competentes estampas) 600 rs.

O seguinte volume da colleccção será — O Presbyterio da Montanha, — que provavelmente sairá á luz no proximo mez de junho.

#### ESCRITORIO DE ADVOGADO.

2877 NA ausencia do advogado Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman, continua aberto seu escriptorio na rua dos Fanqueiros n.º 82, 1.º andar. A pessoa encarregada do expediente de todas as causas de seus constituintes e que fica fazendo as suas vezes no escriptorio, é o seu amigo e collega Antonio Gil, redactor da *Gazeta dos Tribunaes*, e conhecido na mesma pelos artigos com a assignatura de — A. G.

#### METAMORPHÓSES EM 1844.

2878 CORRE pelas boccas do povo de Loires, Odievellas, Carnide e outros logarejos á roda da capiçal, que tendo ido (não se declara onde) dois saloios depois de muito bem almoçados, desobrigar-se de confissão e communhão, na egreja da sua freguezia em um dos dias da Semana Sancta, e tornando-se d'alli para a taberna, pediram á vendeira lhes medisse mais meia canada para afogarem o lobo, — accrescentaram elles sorrindo philosophicamente um para o outro. Até aqui nada ha demasiadamente extraordinario. Qual não seria porém o assombramento da desprecatada mulher, quando, acabando de encher á torneira da pipa o seu largo copasio, e voltando-se para o apresentar aos freguezes, os viu a ambos com cabeças de lobos a olhal-a e a estenderem simultaneamente as mãos para d'entre as suas lhas tomarem o vinho: ao grito que ella soltou, entre-olham-se os dois e com falla ainda de gente, mas já estranhamente demudada, exprimem o pasmo que os senhora do que estão vendo: como se cada um estivesse diante de um espelho, conheceram ambos o horroroso papel que estavam representando.

A ovidiana imaginação do inventor, quem quer que fosse d'esta fabula, ou a de seus ouvintes e repetidores, não podia deixar de completal-a. Ajuncta-se pois que emquanto a vendeira toda tremula, tendo deixado cair o côpo, fazia o credo em cruz, os dois espiritos fortes acabavam de se transformar até ao bico dos pés, feito o que abalaram, correndo e uivando, para as partes de Torres-Vedras.

Outros, com fumaças de menos credulos, ateimam que só as cabeças se lhes transformaram; e que o regedor da parochia e os vizinhos, antes que ultimassem tamanho despropósito, os prenderam e que brevemente vão ser condusidos para esta cidade. Se tivessem chegado em sabbado de alleluia poderiam ter ido brilhar no baile de mascaras de S. Carlos.